



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2017v6n2p163-174

---

## DA OPRESSÃO À EMANCIPAÇÃO – A METAMORFOSE DA CRÍTICA AO ROMANCE “BOM-CRIOULO”, DE ADOLFO CAMINHA

FROM OPPRESSION TO EMANCIPATION – THE METAMORPHOSIS OF THE CRITICISM TO THE NOVEL “BOM-CRIOULO”, BY ADOLFO CAMINHA  
DE LA OPRESIÓN A LA EMANCIPACIÓN – LA METAMORFOSIS DE LA CRÍTICA DE LA NOVELA “BOM-CRIOULO”, DE ADOLFO CAMINHA

---

Guido Vieira Arosa<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva analisar os modos pelos quais a crítica literária em relação ao que é considerado por primeiro romance de cunho homossexual no Brasil, “Bom-crioulo” (1895, de Adolfo Caminha), se metamorfoseou ao longo dos anos. Em uma perspectiva patológico-biologizante de fins do século XIX, o romance foi considerado pela crítica como uma representação da degeneração homossexual e negra, tendo pela figura do personagem principal do romance a imagem da decadência social. No entanto, a partir da ascensão dos Estudos Culturais e da consolidação dos movimentos minoritários, na segunda metade do

século XX, as análises passam a compreender novos vieses e interpretações para o romance, que consideram os paradoxos do Naturalismo do século XIX e entendem novas vozes de empoderamento, no próprio texto, em relação ao homossexual negro.

### PALAVRAS-CHAVE

Homossexualidade. Raça. Crítica. Bom-crioulo. Adolfo Caminha.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the ways in which literary criticism in relation to what is considered by the first homosexual novel in Brazil, “*Bom-Crioulo*” (1895, by Adolfo Caminha), has metamorphosed over the years. In a pathological-biologist perspective of the late nineteenth century, the novel was considered by critics as a representation of homosexual and black degeneration, with the figure of the main character of the novel the image of social decadence. However, from the rise of Cultural Studies and the consolidation of minority movements in the second half of the twentieth century, the analyzes begin to

understand new biases and interpretations for the novel, which consider the paradoxes of Naturalism of the nineteenth century and understand new voices of empowerment, in the text itself, in relation to the black homosexual.

## KEYWORDS

Homosexuality. Race. Criticism. *Bom-crioulo*. Adolfo Caminha.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las maneras por las cuales la crítica literaria en relación a la primera novela homosexual brasileña, como es considerada, “*Bom-crioulo*” (1895, por Adolfo Caminha), se ha transformado en los últimos años. En el punto de vista patológico-biológico de finales del siglo XIX, la novela fue considerada por la crítica como una representación de la degeneración homosexual y negra, con la figura del personaje principal de la novela la imagen de la decadencia social. Sin embargo, desde la aparición de los Estudios Culturales y la consolidación de los movimientos minoritarios en la segunda mitad del siglo

XX, los análisis comienzan a comprender las nuevas tendencias e interpretaciones de la novela, que consideran las paradojas del Naturalismo del siglo XIX y entienden nuevas voces de empoderamiento, en el mismo texto, en relación con el homosexual negro.

## PALABRAS CLAVE

Homosexualidad. Raza. Crítica. *Bom-crioulo*. Adolfo Caminha.

Bom-crioulo tratava de se agasalhar como qualquer mortal, o mais comodamente possível  
(Bom-crioulo – Adolfo Caminha)

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar o livro “Bom-crioulo” – lançado no Rio de Janeiro, em 1895, por Adolfo Caminha (1867-1897)<sup>1</sup> –, que conta a história de Amaro (apelidado de “Bom-crioulo”), um escravo que foge da fazenda onde é subjugado e vai trabalhar na Marinha Brasileira, onde se apaixona por um de seus colegas de ofício, o jovem branco Aleixo. Para que a empreitada de dissecar o livro seja bem-sucedida, é necessário antes compreender o contexto histórico em que ele foi escrito, a forma como o livro foi então recebido e discutido, a escola narrativa a que ele se filia e a forma como, com o debate em transformação da ciência no que diz respeito às questões homossexual e racial, a crítica a esta obra foi se metamorfosando – para melhor.

Portanto, este texto terá como partida o debate sobre o período de nascimento da obra – início dos estudos sobre homossexualidade; perspectiva racialista –, a forma como a obra foi recebida até os anos 1960 – livro que trata sobre uma “imoralidade” –, a transformação oriunda com a conquista dos direitos dos negros e homossexuais ao longo do século XX – um livro que revela o homossexual de uma forma muito complexa e menos “imoral” do que a crítica determinista do século XIX poderia supor – e, por fim, dissecar de modo detalhado a obra para comprovar como a mudança de viés interpretativo de “Bom-crioulo” ao longo da segunda metade do século XX revelou suas passagens ambíguas, as quais driblam a visão determinista de outrora e foram eficazes para a consolidação desta obra literária no cânone dos estudos da homocultura.

---

1. A edição de “Bom-crioulo”, utilizada para análise neste artigo é da Coleção Prestígio, da Editora Ediouro, que não destaca data de edição. Portanto, optou-se por se referir à obra, ao longo do texto, por “sem data” (s/d).

## 2 O HOMOSSEXUAL A PARTIR DO SÉCULO XIX

As práticas homossexuais passaram do período da fogueira da Inquisição até as lobotomias e castrações químicas que se principiaram no século XIX com o advento de uma ciência médica que coloca a prática homossexual na esfera do patológico biologizante, retirando-a exclusivamente do patológico religioso dos anos anteriores:

Em termos da história da produção de identidades sexuais, o final do século XIX é crucial, pois tanto no Brasil quanto na Europa, a ciência médica invade o campo da moral e se empenha na codificação das ‘anormalidades’ sexuais, inventando categorias e descrevendo-as minuciosamente. (FRY, 1982, 33).

É neste contexto biologizante que se insere a escola literária Naturalista – o homem animalizado como, principalmente, produto do meio –, que o romance “Bom-crioulo” está incluído: “Adolfo Caminha defendeu-se das intenções que lhe descobriram na obra, mostrando que apenas expusera um tipo que não fora invenção sua, mas estava nos livros dos cientistas” (RIBEIRO, 1967, p. 67). O final do século XIX foi palco de diversas correntes que condicionaram e macularam o pensamento sobre a questão das raças e das sexualidades. A própria abolição da escravatura, em 1888, que supostamente deveria ser uma resposta aos descalabros das práticas de submissão do negro, tiveram como consequência, em realidade, outra forma de exclusão: o negro incluído na esfera do pobre marginalizado da sociedade. As teorias racialistas que afirmavam que a miscigenação entre as raças era a causadora do subdesenvolvimento da nação – as migrações europeias estimuladas para o Brasil, no fim dos anos 1800, não foram nada mais que tentativas de embranquecimento do país – tiveram grande aceitação no período, e intelectuais respeitados de então,

como Lombroso, na Europa, e Nina Rodrigues, no Brasil, disseminaram noções que relacionavam a cor da pele a índices de violência da população, dentre outras disparidades que ainda persistem no inconsciente coletivo até os dias de hoje. Esta escola Lombroso-Nina Rodrigues se define pela “convicção de que o conhecimento do corpo humano, e das determinações que o sujeitavam, era fundamental para a compreensão das relações sociais” (CORRÊA apud EULALIO et al., 1982, p. 54) e este tipo de conhecimento acarretou na “comprovação ‘científica’ do racismo e do machismo” (CORRÊA apud EULALIO et al., 1982, p. 54-55). De acordo com a autora:

Foi medindo o corpo humano, e comparando estas medidas, que cientistas do século passado chegaram à conclusão de que o negro era inferior ao branco porque seu cérebro era menor, ou pesava menos [...] Se a definição científica das pessoas começou por ser feita a partir da Antropometria, o desenvolvimento da aplicação prática de novas disciplinas mais sutis da medida, como a Eugenia ou a Psicologia, deslocou a discussão do exterior para o interior do corpo humano [...] as pessoas já não eram definidas apenas pelo ângulo facial ou pela cor da pele, embora estas definições continuassem a ser utilizadas, mas a partir de testes cada vez mais refinados que as classificavam conforme a sua hereditariedade, ou seu caráter ou a sua constituição biotipológica – uma combinação de fatores físicos e psíquicos (CORRÊA apud EULALIO et al., 1982, p. 55).

O estilo/escola Naturalista desenvolveu-se diante desta perspectiva de fins dos anos 1800, onde nasceu a Antropologia e a Psicologia, muito calcadas então no discurso da Medicina e do Direito, onde se afirma que o meio define o homem, o tamanho do rosto define o ladrão e inúmeras outras comprovações físicas, psíquicas e, portanto, “científicas”, afirmam o comportamento desviante do ser humano. É daí, então, que o personagem equivocado e moralmente deturpado toma lugar na literatura, no fim do século XIX, onde se passa a pensar o homossexual como questão de saúde, provocada pela imoralidade do meio e onde o negro é entendido como sinônimo de pobre e vândalo: “é Nina Rodrigues que condena o negro à inferiori-

dade inata e o mulato a uma degenerescência inexorável” (FRY apud EULALIO et al., 1982, 34).

### 3 NATURALISMO E HISTÓRIA DA LITERATURA HOMOSSEXUAL NO BRASIL

O romance Naturalista, então, foca o submundo das grandes cidades, onde imperava a imoralidade e o desgaste das relações interpessoais, onde não se sabe se se habita o homem ou o animal e onde a história dos personagens está quase que traçada desgraçadamente desde o começo dos tempos. É neste estilo literário que abunda a personagem prostituta, a personagem homossexual, a personagem negra, a personagem mulher feia, portuguesa gorda, a personagem nordestina, a personagem classe média pequeno-burguesa, a personagem achacadora, a personagem assolada pelo meio, que parecem revelar ao leitor um parâmetro contrário ao que deve ser seguido moralmente. Desta forma, pode-se partir para uma análise mais estrita sobre o livro “Bom-crioulo” e suas críticas deterministas.

Adolfo Caminha, autor do romance, lança, em 1895, início do regime republicano, o livro “Bom-crioulo”, que conta a história de Amaro, escravo, que foge da fazenda em que sofre agressões e é agenciado para trabalhar como marinheiro. Dentro do navio, Amaro recebe o apelido de Bom-crioulo por ser muito solícito e prestativo – quando não se dava à bebedeira.

É, então, quando conhece Aleixo, jovem de olhos azuis e traços femininos, de família de pescadores de Santa Catarina, que ele se vê apaixonado. Dentro do navio, ambos iniciam uma relação. Em linhas gerais, o romance é isso: a consumação de uma relação amorosa e sexual entre dois homens, um negro e um branco, inicialmente dentro de um navio e, posteriormente, em um sobrado na Rua da Misericórdia, na região central da então capital do Brasil. Esta obra é considerada, em linhas gerais, como a primeira de cunho homossexual no país.

No entanto, esta afirmativa encontra lacunas, já que em 1885 foi lançado o livro *Um homem gasto*, assinado por um pseudônimo LL (autor Ferreira Leal). Esta obra conta a história de um homem que, casado com uma mulher, vê-se diante de sua vida pregressa de aventuras e incapaz de consumir o matrimônio, buscando então médicos para curar-se, mas diante da negativa da resolução do problema, mata-se ao fim do relato. Esta obra recebeu o carimbo de “romance para homens”, que no século XIX era como se designava literatura erótica masculina vendida em livrarias populares (EL FAR, 2007).

Portanto, por mais que tenha recebido certa atenção da crítica para fazer-se frente a texto tão “pecaminoso”, o livro é praticamente desconhecido dos estudiosos e no período passou batido pelo cânone. No entanto, Caminha leu o texto e rebateu as acusações que recebeu a seu livro sobre o negro marinheiro se valendo do livro de LL: “Quanto a ser novo em literatura o assunto do Bom-crioulo, é ainda uma afirmação ingênua ou mentirosa da crítica educadora. No Brasil foi ele tratado pelo Sr. Ferreira Leal no romance ‘Um homem gasto’” (CAMINHA apud BEZERRA, 2007, 2). O escritor também se apoia nas diretrizes do Naturalismo para justificar sua obra: “O naturalismo é a própria vida interpretada pela arte, claro está que só é imoral quando não apresenta caracteres de obra artística” (CAMINHA apud BEZERRA, 2007, 2).

Proença atesta também, de maneira resignada: “Embora partindo do conceito de que em arte não há assuntos proibidos, ‘Bom-crioulo’ não é romance obsceno, pois que a crueza dos episódios não é procurada, mas imposta pelo entrecho” (PROENÇA in CAMINHA, s/d, p. 9). O próprio Caminha, antes de *Bom-crioulo*, tem uma passagem de *A normalista* (1893) onde, retomando *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, flerta com o lesbianismo. As personagens Lídia e Maria do Carmo reproduzem a cena em que Basílio passa champanhe de sua boca para a amada Luísa e, desse modo, sentem uma mútua atração sexual (BEZERRA, 2007, p. 4).

Obras-primas do Naturalismo, outros dois romances também flertam com a temática gay, ainda que

mais discretamente que *Bom-crioulo*: em 1888, Raul Pompeia – curiosamente nome de Rua em Copacabana onde se localizou uma das mais conhecidas boates gays do Rio durante os anos 2000 – escreveu em *O ateneu* uma história que se passa dentro de um internato para meninos, onde se destacam trechos em que a sexualidade masculina unissexualizada (para usar um termo bem determinista utilizado pelo crítico Saboia Ribeiro) do espaço confinado é exacerbada.

E, em 1890, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, tem duas personagens lésbicas: Pombinha, jovem que inicia o romance ainda sem virar mulher por não ter menstruado e que encontra sua sexualidade e, conseqüentemente, menstruação, quando está com sua madrinha, a prostituta e mulher mais velha Léoni – este enredo traz muitos paralelos com *Bom-crioulo*, características trabalhadas em Fry (1982). Faz-se, então, pertinente considerar que “com o Naturalismo é que se pode falar da emergência de uma prosa homotextual no Brasil, que terá implicações na representação do homossexual até o presente” (LOPES apud BEZERRA, 2007, 7).

## 4 PERSPECTIVA CRÍTICA RETRÓGRADA SOBRE BOM-CRIOULO

Em texto de 1965, pelos 70 anos da primeira publicação de *Bom-crioulo*, M. Cavalcanti Proença afirma que o livro trabalha a “segregação sexual” com suas “perversões decorrentes” em “ambientes reclusos, exclusivamente masculinos” (PROENÇA in CAMINHA, s/d, p. 9), levando-se a crer que a homossexualidade ali nos relatos foi “pertinente”, “ocasional”, ou seja, decorrentes fatalmente de não haver uma figura feminina para a relação.

Esta também é uma afirmação feita por Saboia Ribeiro (1967, p. 65): “o fenômeno se verifica em todas as coletividades unissexuais, sujeitas à segregação ou não”, que completa: “o caso do marinheiro Amaro é um caso de pura degenerescência, desvio do instinto sexual, e o caso do grumete Aleixo uma capitulação a curto prazo que as circunstâncias criam”. Ou seja,

o negro Amaro é caso de desvio sexual e o do branco Aleixo, apenas circunstancial – já que depois ele passa a se relacionar com a portuguesa Carolina – um caso que durou pouco tempo e que foi criado pela situação. Proença, frisando que “certas cenas chocam o leitor”, finaliza sua crítica destacando o aspecto determinista do livro, mas não para denunciá-lo e sim com um tom de concordância a ele.

O determinismo de Caminha não estaria lá para denunciar uma situação que todo negro, homossexual, pobre e recluso passa, mas sim para representar a torpeza do próprio negro, homossexual, pobre e recluso: “Um submundo erroneamente estruturado determina a convergência de vícios, e os homens, afinal, são produto do meio, vítimas do meio muitas vezes” (PROENÇA in CAMINHA, s/d, p. 10). Inacreditavelmente, o último parágrafo é “advertência ao leitor” – pela época que foi escrito e pelo teor não se pode crer que seja ironia – citando Valdemar Cavalcanti (apud PROENÇA in CAMINHA, s/d, 10): “Não aconselho a ninguém, portanto, a leitura desse romance [...] É um livro sombrio, alguns homens sombrios, uma vida sombria!”

Tem-se por intenção da crítica retrógrada jogar o contexto de *Bom-crioulo* para muito antes de 1895, como se isso fosse livrar a pecha de “homossexualidade” da Marinha e consequentemente da República brasileira de então (Amaro possui até um quadro de Dom Pedro II, pendurado no quarto de pensão em que vive, propiciando uma conexão entre o desvirtuamento homossexual e o Império). O discurso é de que a história seja quase que mítica sobre um negro idealizado, um navio idealizado, um contexto idealizado, retirando-o de sua realidade brutal, pelo fato do o livro afirmar: “Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-crioulo, então simplesmente Amaro, veio [...] ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte” (CAMINHA, s/d, p. 18). Afirma-se sobre:

Gastão Penalva, que foi também oficial da Marinha, escreveu, do livro, que ‘os fatos e os personagens

que nele vibram’ não são da época ‘em que existiu e se agitou o romance. O herói – diz ele –, os episódios, acrescentou ele, seriam mais cabidos no tempo dos piratas, das aventuras trágicas do mar...’. Mas admite que Adolfo Caminha se houvesse influenciado por certas versões, certamente injustas, certamente deturpadas da verdade. O que ele chama ‘falaz tradição oral’. (PENALVA apud RIBEIRO, 1967, p. 65).

No entanto, fato é que por mais que não seja em 1895 o tempo do romance, ele não se passa em outra era tão longínqua assim e os fatos que ali estão contatos são ainda de responsabilidade do tempo que Caminha vive. Os textos fazem remeter à década de 1870 o romance. As tentativas de afastar o personagem homossexual do contexto da Marinha são inócuas, tendo em vista que o problema não é a homossexualidade na Marinha, mas sim que existem homossexuais em toda e qualquer profissão, pois não há trabalho que condicione alguém à homossexualidade ou à heterossexualidade.

O texto de Saboia Ribeiro é enfático em desmerecer as cenas de Amaro/Bom-Crioulo, pondo-as no contexto do torpe, determinista, equivocado, imoral, mas ressalta os momentos em que o objeto amado de Bom-Crioulo, o jovem Aleixo, é possuído carnalmente por Carolina, pelo que Caminha chama de “mulher-homem”, frisando suas feições horrendas.

Enquanto o amor quase angelical de Bom-crioulo por Aleixo é renegado, a relação apenas porque é heterossexual entre Aleixo e Carolina é valorizada sob os seguintes aspectos: “O episódio das relações de Dona Carolina com o grumete Aleixo introduz uma nova dimensão no enredo. A cena da conquista do grumete por ela é simplesmente admirável, de espontaneidade e vivacidade” (RIBEIRO, 1967, p. 69). Tal afirmativa é de se espantar, pois se tem a impressão de se ter lido outro livro, já que Caminha revela Carolina como mulher horrenda, suarenta, enquanto Aleixo é um jovem belo e de feições femininas, quando que a junção de ambos é feita animalmente, destoando desta pincelada angelical posta por Saboia Ribeiro.

As críticas realizadas pelo menos até os anos 1960 (já nos anos 1980, tem-se as críticas positivas ao viés

homossexual do livro com, por exemplo, Peter Fry) davam conta de uma deturpação atroz em relação à temática de *Bom-crioulo*. O personagem Amaro era exaltado quando de sua força física e presteza, mas vilipendiado quando de seu conteúdo amoroso e sexual. Já o jovem Aleixo é considerado uma vítima passiva das circunstâncias, sendo elevado a um pedestal de masculinidade quando de seu encontro com a portuguesa Carolina, que apesar de se revelar uma traidora de seu amigo Amaro, é tida pelas análises como parceira ideal para aquele jovem de traços hermafroditas – ainda que Carolina fosse uma prostituta, ou antiga prostituta, mas melhor relacionar-se com uma prostituta que relacionar-se com um homossexual, parece dizer a lógica das interpretações antiquadas.

O conteúdo contestatário da obra recai nesse contexto quase que exclusivamente aos maus-tratos dentro dos navios da Marinha brasileira. Não há neste livro, para críticos como Saboia Ribeiro, M. Cavalcanti Proença, Valdemar Cavalcanti e Gastão Penalva, uma nova visão do personagem homossexual e negro. Até as descrições de paisagem recebem mais crédito para Saboia Ribeiro, por exemplo, sendo considerados fatores decisivos para a beleza do livro, em detrimento ao torpor da personagem negra invertida: “E não faltam nunca, aqui, ali, acolá, a poesia dos cenários, a presença do mar, as mutações em torno – o céu, as nuvens, o sol –, outros barcos deslocando na linha do horizonte” (RIBEIRO, 1967, p. 71).

## 5 PERSPECTIVA CRÍTICA EMANCIPADORA SOBRE “BOM-CRIOULO”

Quando o livro é lido sem um olhar de pré-conceito, pré-formado, pré-estabelecido sobre a patologia do homossexual, consegue-se enxergar nuances muito mais interessantes, profundas e emancipadoras no que diz respeito ao personagem principal e, portanto, ao tema central do livro. Consegue-se, igualmente, perceber que o livro é trabalhado a partir de três vo-

zes diferentes – a de Amaro/Bom-crioulo, a de Aleixo e a de Carolina – e a obra tem sucesso em conseguir transmitir a fala dessas três personagens, de modo que o leitor atento consegue enxergar três perspectivas diferentes no livro.

Nota-se também que, em geral, todo conteúdo preconceituoso do livro é posto entre aspas ou travessões, seguidos de falas de personagens, passando a ideia de serem pensamentos destes, para determinar que aquilo esteja sendo dito por uma personagem determinada da narrativa, tendo a isso suas implicações decorrentes. É de se notar, da mesma maneira, que o leitor contemporâneo cria uma empatia com Bom-crioulo. Analisando as realidades literárias dos livros: *Bom-crioulo* e *O cortiço*, Fry destaca:

De certa forma, parece que os autores, ao se aproximarem dos cortiços, da prostituição, das relações amorosas entre marinheiros, desenvolveram simpatias por estes personagens e descobriram uma lógica própria que estava excluída, *a priori*, das teorias deterministas. [...] O resultado é um discurso essencialmente contraditório, caindo ora no Determinismo biológico e social, ora naquilo que mais tarde irá constituir a tradição antropológica que hoje conhecemos. (FRY In EULALIO et al., 1982, p. 36).

O autor completa, fazendo comparação com outro ícone deste período determinista:

Fenômeno semelhante que aparece em “Os sertões”, onde Euclides da Cunha desenvolve simpatia e compreensão pelo comportamento de Antônio Conselheiro e seus seguidores, mas não consegue romper o paradigma Lombroso-ninarodriguesiano que condena definitivamente o “mestiço”. Para salvar tanto o paradigma quanto sua simpatia, adota o recurso engenhoso de propor que os sertanejos não são mestiços, mas uma sub-raça (FRY In EULALIO et al., 1982, p. 36).

Esta compreensão da ambiguidade em Adolfo Caminha é essencial para a interpretação da obra. Sem este entendimento não é possível se fazer uma análise eficaz do conteúdo literário que aqui se apresentou pela primeira vez em fins do século XIX. As teorias então vigentes foram incapazes de abarcar tais polifonias no texto, mas a História, com a transformação

dos estudos das ciências sociais e naturais, incluídos aí os estudos literários, foram capazes de realocar o livro. É a partir dos anos 1960-1970, com a ascensão dos Estudos Culturais e a consequente força dos movimentos minoritários, que esta cadeia interpretativa mais aberta toma posto. Com isso, pretende-se demonstrar as passagens mais reveladoras do livro que fizeram com que ele tivesse esse entendimento mais múltiplo, que lançam por terra os olhares mais arcaicos sobre a obra.

O livro coloca Amaro, o Bom-crioulo, como um homossexual que se entende gay com certa naturalidade e não discute esse fato. Em certa medida, este personagem lida bem com sua sexualidade. Em apenas determinados momentos ele se enxerga patologizado, mas é mais um discurso patológico que recai sobre o homossexual do que em si uma patologia homossexual. Ou seja, no que diz respeito ao discurso equivocado que recai sobre a homossexualidade do personagem ou pelas vezes em que o personagem se vê tendo como opção o sexo com uma mulher, por este ser mais aceitável, temos que, citando Herbert Daniel (apud SÁNCHEZ, 2012, p. 7): “Não é proveitoso analisar apenas o discurso oficial sobre as bichas, mas criticar o discurso oficiante das próprias bichas, isto é, o que neste discurso é transferência da ação do poder”. Ele se vê como “qualquer outro”:

Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres. [...] Não tinha jeito, senão ter paciência, uma vez que a ‘natureza’ impunha-lhe este castigo. Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro: [...] Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana. (CAMINHA, s/d, p. 32-33).

Quando afirma que “fizera muito em conservar-se virgem até os trinta anos” (CAMINHA, s/d, p. 33), entende-se que as duas tentativas anteriores de se relacionar com mulheres foram frustradas: uma, durante uma viagem com parada em Angra dos Reis, com uma jovem aleatória, e outra, bêbado em busca de uma prostituta francesa no Largo do Rocio, hoje

Praça Tiradentes e, no século XIX, tradicional zona de meretrício:

Não se lembrava de ter amado nunca ou de haver sequer arriscado uma dessas aventuras tão comuns na mocidade, em que entram mulheres fáceis, não: sempre fora indiferente a certas cousas, preferindo antes a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo, longe das intrigas e fingimentos de mulher (CAMINHA, s/d, p. 24).

Em poucos trechos do livro (CAMINHA, s/d, p. 25;50), o personagem principal se põe a focar o sexo oposto, mas não porque o quer de fato, mas sim porque poderia ser mais tranquilo para seus nervos (humores) diante, por exemplo, de um momento em que já está mais distante de seu amor masculino, por conta de o terem posto agora em uma embarcação separada de Aleixo e já não o encontrar mais em terra, no sobrado onde viviam: “E o negro ficou pensando no grumete, [...] Precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranquilo” (CAMINHA, s/d, p. 50).

Amaro, ao iniciar uma relação com Aleixo, o conhecendo no navio e o levando para viver com ele na cidade, quando sente ciúmes deste, em nenhum momento projeta esta inquietação sobre uma mulher, sempre suspeitando que o jovem possa estar se relacionando com outro homem: “ideia-pesadelo: o grumete nos braços de outro homem [...]” (CAMINHA, s/d, p. 61) e “a convicção de que Aleixo não o traía entregando-se à fúria selvagem de qualquer marmanjo, a certeza de que era respeitado pelo outro, comunicava-lhe essa tranquilidade confiante de marido feliz” (CAMINHA, s/d, p. 41). Esta passagem é bem significativa, pois Amaro se relaciona com Aleixo por meio do termo “marido”. É também notório o fato de, desembarcando do navio após o início do namoro, Amaro adentrar pela Rua da Misericórdia de mãos dadas, “braço a braço com o grumete” (CAMINHA, s/d, p. 35).

Bom-crioulo, por mais que seja gay, em nenhum momento coloca sua masculinidade em questão. Ele se mantém homem antes de conhecer Aleixo, estando

com Aleixo e após estar já separado de Aleixo (quando seu amante já está amigado da portuguesa Carolina). Este fato está calcado, claro, no estereótipo do homem ativo, que subjuga outro homem mais afeminado, que seria o passivo – no caso, Aleixo. No entanto, permanecer aqui se vendo como homem não está totalmente imbricado nesta questão de não ser tão gay por ser ativo no ato sexual, mas sim por conseguir coexistir tranquilamente o fato de poder ser másculo e poder ser gay.

Apaixonando-se por Aleixo, Amaro – que era dado a bebedeiras e transformava-se, tal qual animal, em ser intempestivo (quando ele está com o amado ele não está no vício, quando ele está longe, entrega-se) – recebe um castigo mais violento que seus companheiros recebiam (pelo fato de ser negro?), sem reclamar, após ter defendido seu amado (o livro não deixa claro que neste momento os outros marinheiros têm conhecimento desta paixão): “O motivo, porém, de sua prisão agora [...]: Bom-crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda-classe, porque este ousara, ‘sem o seu consentimento’, maltratar o grumete Aleixo,” (CAMINHA, s/d, p. 17).

Ele aceita o castigo “admiravelmente manso” (o bom-crioulo, o complacente, o bom-selvagem – lembrando que “Bom-crioulo” é um apelido dado pelos companheiros de barco e não pelo autor do livro: vontade do autor e vontade dos personagens são distintas em determinadas perspectivas narrativas) e “Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido [...] mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem” (CAMINHA, s/d, p. 17).

Outro aspecto, que revela a ambiguidade demonstrada por Fry (1982, p. 33-51) e Sánchez (2012, p. 83-93), na interpretação de “Bom-crioulo”, são certas passagens em que o personagem principal expressa sua religiosidade cristã, com estes momentos narrados ao mesmo tempo em que são revelados seus ímpetos homossexuais, transmitindo a ideia de que, para o personagem, ser gay e cristão não são fatos excludentes: “Bom-crioulo guardava essa miniatura religiosamente (*um pequeno retrato de Aleixo*) [...] Habituará-se àquilo do mesmo modo que se habitu-

ara a fazer o sinal-da-cruz antes de fechar os olhos” (CAMINHA, s/d, p. 61).

Por mais que tenha fugido do sofrimento da fazenda na escravidão, Amaro não encontra sua liberdade em praticamente lugar nenhum. O único momento em que o personagem está feliz é quando em paz com Aleixo. Mas esse momento dura pouco – apenas cerca de um ano – e Amaro, que antes de conhecer Aleixo era alcoólatra e briguento, volta a esse estado, longe de seu amor. No navio, se encontra o trabalho exaustivo e incessante, não há quase folgas para se viver em liberdade na terra, ali os açoites permanecem os mesmos que na fazenda escravista e é no navio também onde as hierarquias se mantêm estanques e a maldade destrói as almas. Bêbado, briguento e traído por Aleixo, é “no hospital de merda” que Amaro vai encontrar sua nova prisão.

Sobre Aleixo, desde antes de se iniciar o romance com Amaro, o livro afirma que “dizem-se coisas sobre”, dando a entender que ele é homossexual, que ele se relaciona com seus superiores da Marinha obtendo, por isso, regalias – “Aleixo estava satisfeitíssimo com a vida que ia levando [...]. Nada lhe faltava, absolutamente nada. Era mesmo uma espécie de príncipezinho entre os camaradas, o ‘menino bonito’ dos oficiais, que o chamavam de ‘boy’” (CAMINHA, s/d, p. 25) – e que sua imagem, de tão bela, é relacionada à mitologia: “Belo modelo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante.

Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiuca da Rua da Misericórdia” (CAMINHA, s/d, p. 39), “forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega” (CAMINHA, s/d, p. 30) e termos como “idolatria pagã”, “fetiche”, “símbolo de ouro”, “artista diante de uma obra-prima”, “duplo ser moral e físico”, “ente sobrenatural” (CAMINHA, s/d, p. 39). Não se pode deixar de notar, então, que o contexto da relação de Aleixo e Amaro é o contexto das relações homoeróticas que o século XIX idealizou sobre a Grécia Antiga: o passivo juvenil (Aleixo) que na idade adulta vai se relacionar com mulheres e o homem adulto (Amaro) que inicia seu jovem mancebo, mas que no caso cai em desgraça

por, adulto, ainda focar exclusivamente sua paixão pelos homens, não se casando com uma mulher.

O personagem Aleixo é tido sexualmente por Bom-crioulo quase que como uma mulher, por sua aparência física e beleza transcendental, mas ele sabe que Aleixo é todo homem: “Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Que beleza de pescoço, que delícias de ombros, que desespero... Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...” (CAMINHA, s/d, p. 39).

Ainda que o livro já afirme haver uma suspeita da homossexualidade de Aleixo, este quando começa a se relacionar com Amaro não parece estar muito confortável com a situação, se fazendo por vezes de difícil, mas a situação aos poucos vai se transformando, com Amaro o levando por suas ideias, o convencendo da vida a dois que teriam em terra no Rio de Janeiro.

A crítica retrógrada vê Aleixo como personagem passivo, vítima de um ambiente unissexual, mas se percebe na verdade que ele é maleável de acordo com as situações: há a suspeita de suas amizades com os superiores; ele se envolve com Amaro diante da possibilidade de morada no Rio e apenas se separa do marinheiro quando pensa que foi abandonado por ele e ao perceber que, de Bom-Crioulo, não se podia esperar nada, ou seja, dinheiro (CAMINHA, s/d, p. 42-43).

Ainda, quando Amaro vai trabalhar embarcado em outro navio, ficando Aleixo diante da proposta da portuguesa gorda e suarenta Carolina de poder usufruir de seu quarto, o melhor da casa. A certeza de que Aleixo era também homossexual e que jamais trairia Bom-crioulo com uma mulher, unida a uma possibilidade de vínculo com algum alta-patente da Marinha, evidenciando a esperteza estratégica de Aleixo – e a consciência de Bom-crioulo para com sua própria condição de subalternidade de negro e ex-escravo –, é expressada neste trecho:

Positivamente não se conformava com a ideia de que Aleixo o abandonara por *outro*... E quem seria esse *outro*? Algum marinheiro também, decerto, algum ‘primeira-classe’... Era muita ingratidão, muita baixe-

za! Abandoná-lo, por quê? Porque era negro, porque fora escravo? Tão bom era ele quanto o imperador!...” (CAMINHA, s/d, p. 70).

A transformação em homem mais encorpado e “ másculo ” quando se inicia o namoro com Carolina – que é tida pelo romance como mulher-homem, feia e gorda, que perante Aleixo é o “desconhecido” e considerada por ele: “até não era mazinha...” (CAMINHA, s/d, p. 45) – é deveras pertinente, casuística, pois Aleixo, quando já enturmado de Amaro (poder-se-ia ver em Aleixo um homem bissexual ou apenas um oportunista?), enamorasse por ele:

Mas daí em diante Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, s/d, p. 23).

E, diante do espanto de descobrir a relação entre Aleixo e Carolina, Amaro se espanta: “ele (*Aleixo*), que nunca lhe falara em mulheres [...]. Amigar-se, viver com uma mulher, sentir o contacto de outro corpo que não o seu, deixar-se beijar, morder, [...] por outra pessoa que não ele, Bom-crioulo!...” (CAMINHA, s/d, p. 73). Há uma passagem muito interessante e ambivalente também no que se refere a Aleixo: o personagem, já consciente de sua separação de Bom-crioulo e iniciando seu amigamento por Carolina, afirma a ela que vai até o Passeio Público de noite, sem a história dar algum motivo mais forte para isso.

Carolina afirma a ele: “Está mesmo d’encantar, o diabinho! Vai daqui namorar alguma biraia no Largo do Rocio, aposto!” No que Aleixo lhe responde, após ter soltado uma “risada sem gosto, olhando-se ainda uma vez no espelho”: “Qual o quê, madama! Vou daqui ao Passeio Público; às nove horas, o mais tardar, cá estou de volta” (CAMINHA, s/d, p. 44). Trocando em miúdos: Largo do Rocio era a zona de meretrício das prostitutas, mulheres, no século XIX e, como destaca Green (2000), o Passeio Público era local de encontros furtivos entre homens à noite.

Já a portuguesa Carolina é um caso igualmente interessante para análise. Vinda da Europa e pros-tituindo-se no Rio de Janeiro com grande sucesso, agora está em período de decadência, velha e gorda, vivendo à custa do padeiro que mantém seu comércio ao lado do sobrado em que “aluga” quartos. Ainda nos tempos áureos, ela cheia de joias caminhando na rua, é surpreendida por dois assaltantes. Bom-crioulo está em terra, passando pela rua, e a salva dos ladrões.

Esta passa a ser então uma dívida de vida para com seu amigo. A portuguesa o vê com carinho e sabe de seu interesse exclusivo por homens, sem espantar-se: “Conheço este mundo velho, meu amor; tudo isso pra mim é miséria” (CAMINHA, s/d, 36) e “ela sabia que o negro não era homem para mulheres” (CAMINHA, s/d, p. 37). Ela chega ao ponto de encorajá-los, já hospedando Aleixo e Amaro, sabendo e consentindo o romance dos dois: “Vocês acabam tendo filhos” (CAMINHA, s/d, p. 41). É esta visão amorosa que se transforma quando da partida de Bom-crioulo para outro navio, separando-se de Aleixo. Carolina enxerga então a possibilidade de ter o sexo do Deus grego juvenil, oferecendo-lhe o quarto e tudo o que a casa poderia dar-lhe, fazendo com que o jovem criasse corpo e passasse a rejeitar Bom-crioulo.

Amaro, já desolado e internado após ter participado, alcoolizado, de uma briga na rua, envia uma carta em busca de Aleixo, que nunca mais o procurou e Carolina trata de rasgá-la e trancar-se em casa, com medo de uma vingança de Bom-crioulo. Ela, no entanto, não revela para Aleixo que ainda se mantém relacionada com o padeiro, que de certa forma a sustenta. É este viés deturpado que o leitor tem de Carolina e também de Aleixo, ao ponto que Bom-crioulo vai distanciando-se da narrativa, entristecendo-se e apagando-se, afastado de seu amor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, a ambiguidade do texto se revela – aceitação e preconceito sexual e racial – por

meio das falas dos personagens. Como já demonstrado, o romance é calcado no tripé Amaro (“selvagem do Zanzibar”) – Aleixo (“hermafrodita”) – Carolina (“mulher-homem”) e percebe-se que o preconceito surge calcado basicamente nas bocas de Aleixo e Carolina e vez ou outra (no contexto da patologia que o homossexual se enxerga por conta do discurso patológico que recai sobre ele), na boca de Aleixo. Como afirma Sánchez: “Dado curioso é que nem no romance de Caminha [...] aparece o termo ‘homossexual’” (SÁNCHEZ, 2012, p. 91), em um momento em que a “homossexualidade” já havia sido inventada (FRY IN EULALIO et al., 1982, p. 33-34).

Os termos neste romance utilizados para referir-se ao gay são “pederasta”, “sodomita”, dentro outros, e é neste momento que vê-se mais evidentemente a voz preconceituosa então do narrador: “Nesse dia, como nos outros, a mesma preocupação, a mesma ideia fixa, obstinada e mortificante, encheu a alma do pederasta” (CAMINHA, s/d, p. 63); já para frisar a cor da pele de Amaro, ele utiliza a palavra “negro” de forma muito destacada, além do evidente onipresente “crioulo”: “O negro ficou ansioso pela resposta, numa inquietação de namorado...” (CAMINHA, s/d, p. 62). Já o preconceito é muito mais visível em Carolina e Aleixo, sendo expresso em momentos como, segundo a portuguesa, páginas após dizer que sabia do interesse de Amaro por homens e até ter incentivado a relação dele com Aleixo: “Grandessíssimo pederasta! Nunca supusera que uma paixão amorosa de homem a homem fosse tão duradoura, tão persistente! E logo com um negro, Senhor Bom-Jesus, logo um crioulo imoral e repugnante daquele!” (CAMINHA, s/d, p. 66).

Segundo Aleixo: “negro é raça maldita, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer...” (CAMINHA, s/d, p. 67). Ao mesmo tempo, Amaro tem noção de sua marginalidade por ser negro, por ser ex-escravo (ainda e sempre escravo), por ser homossexual, por ser pobre, por ser todas as desgraças que a elite diz que ele é, mas nunca se colocando em dúvida como homem, homossexual, negro e cristão. Amaro é um ser, no livro, de uma inteira consciência social para consigo.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay 'made in Brazil'. **Revista Bagoas** – estudos gays, gêneros e sexualidades. Rio Grande do Norte: UFRN, v.1, n.1, jul-dez. 2007.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo** [1895]. Coleção Prestígio, Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CORRÊA, Mariza. Antropologia e medicina legal: variações em torno de um mito. In: EULALIO, Alexandre et al. **Caminhos cruzados**: linguagem, antropologia, ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.53-63.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos 'romances para homens' de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n.28, p.285-312, jan-jun. 2007.

FRY, Peter. Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas. In: EULALIO, Alexandre et al. **Caminhos cruzados**: linguagem, antropologia, ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.33-51.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Unesp, 2000.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Adolfo Caminha; Introdução[1965]. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p.5-10.

RIBEIRO, Saboia. **O romancista Adolfo Caminha, em comemoração de seu centenário (1867-1967)**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1967.

SÁNCHEZ, Dario de Jesús Gómez. **Pervertidos, bichas e entendidos**: Identidade homossexual no romance latino-americano. Recife: Universitária UFPE, 2012.

---

Recebido em: 2 de Maio de 2017  
Avaliado em: 7 de Julho de 2017  
Aceito em : 14 de Julho de 2017

---

1. Pós-doutora em História Social – USP; Doutora em História Social (UFBA); Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana, lotada no departamento de Ciências Humanas e Filosofia, atuando na sub-área de Teoria da História, do curso de licenciatura em História e no Mestrado em História – UEFS. Em-ail: andrearocha66@hotmail.com